

6 de agosto de 2014



A escrita chega primeiro como um vazio. Um espaço aberto no pensamento, onde apenas a intenção de começar tenta se firmar. Às vezes, a ideia surge como um movimento súbito — *away, vroom* —, uma fuga ou um impulso que se materializa. Outras vezes, o movimento não vem, e o vazio permanece, resistente.

Pensei em escrever sobre Eduardo Galeano, sobre aquele livro que, desde o primeiro contato, despertou não apenas compreensão, mas uma espécie de reconhecimento. Mas me calo diante dele. Há escritas que não se resumem a resenhas; são antes encontros.

Há uma alquimia sutil entre sentimentos e palavras. Palavras que germinam ideias e se tornam, elas próprias, sentimentos. Sentimentos que buscam forma verbal, numa busca por significado. Esse movimento não é neutro; exige um gesto anterior, uma ação que transforme

experiência em signo. Como observou Claude Lévi-Strauss, “o signo, para ser pleno, exige que entre ele e o significado se intercale uma experiência vivida” (LÉVI-STRAUSS, 1958, p. 218). O significado não preexiste; ele é conquistado, tecido na relação entre o vivido e o partilhável.

Essa simplicidade complexa me lembra a violência fundadora narrada por Galeano: a tortura do ameríndio, executada em nome de Deus, do rei e da cultura dominante. Não se trata apenas de crueldade, mas de um sistema de significação forçada, onde a vida do outro é reduzida a um signo vazio no projeto colonial. A dominação, como analisou Pierre Bourdieu, opera também pela “violência simbólica”, uma imposição de significados que é vivida como natural, dissimulando as relações de força que a produzem (BOURDIEU, 1998, p. 19). A vida, sob esse regime, pode até ser nomeada, mas seu *viver* — seu sentido compartilhado, sua autonomia simbólica — é suprimido.

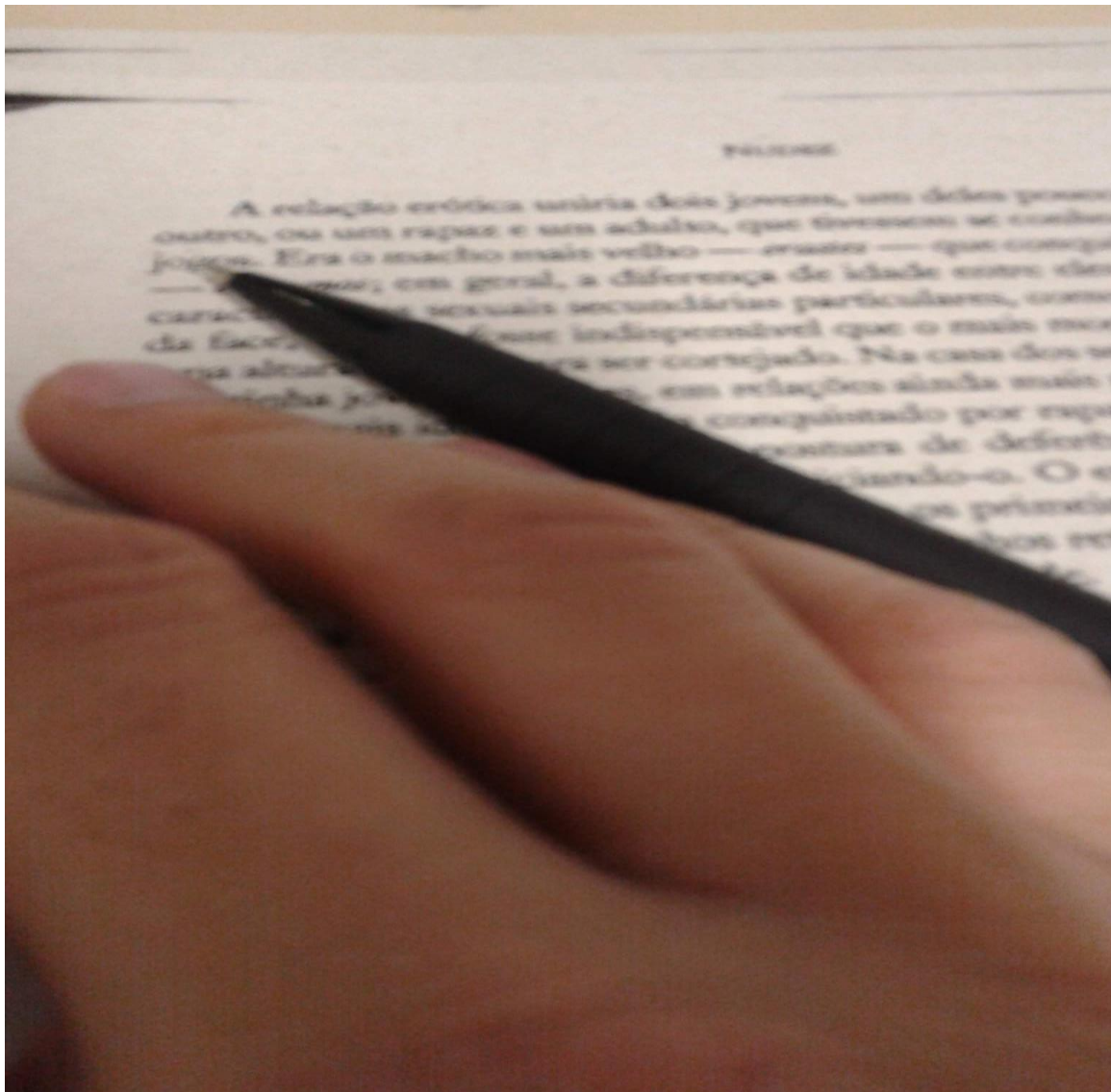
E então, um clarão: o sentido da vida talvez seja justamente o *viver-com*. Viver em um mundo habitado. Como escreveu Marilyn Strathern, “não há indivíduo pré-social; a pessoa é sempre um reflexo das relações que a constituem” (STRATHERN, 1988, p. 13). O “eu” não precede o “nós”; ele é seu fruto mais íntimo.

As pessoas, portanto, são o bem maior — não como coleção de indivíduos, mas como teia que permite a existência significativa. A maior felicidade, talvez, só se complete quando oferecida, quando se torna *presente* para um outro. A alegria compartilhada é a que mais profundamente nos habita.

Viver sozinho, nessa perspectiva, não é apenas uma condição física, mas uma privação relacional. É um “morrer aos poucos”, como você disse — uma existência que, embora biológica, perde densidade simbólica, perde o espelho do outro que confirma e desloca o self. A solidão absoluta é um deserto de significados. Como pontua Hannah Arendt, “a mais radical solidão humana é o abandono pelo mundo

comum” (ARENDT, 1958, p. 59). Estar só pode ser um estado de presença consigo; estar sozinho é a ausência do outro que nos completa como seres sociais.

Viver sozinho, então, seria habitar um mundo onde os signos perdem seu eco, onde os sentimentos não se convertem plenamente em palavras, porque falta a quem entregá-las.



REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1958.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Tradução de Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975. (Obra original publicada em 1958).

STRATHERN, Marilyn. **The Gender of the Gift: Problems with Women and Problems with Society in Melanesia**. Berkeley: University of California Press, 1988.

